

## O REAL MARAVILHOSO AFRO-BRASILEIRO COMO ESTRUTURA NARRATIVA EM TORTO ARADO

AKEMY AFRODITE BELCHOR PIERZCHALSKI<sup>1</sup>;  
SAMIRA ANGEL SILVEIRA CAVALHEIRO<sup>2</sup>; LEONARDO OLIVEIRA  
NUNES<sup>3</sup>;  
  
URUGUAY CORTAZZO GONZÁLES<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas (UFPel)* – [akemybelchorp@gmail.com](mailto:akemybelchorp@gmail.com)

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas (UFPel)* – [samira.magistra@gmail.com](mailto:samira.magistra@gmail.com)

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas (UFPel)* – [leoufpel5@gmail.com](mailto:leoufpel5@gmail.com)

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas (UFPel)* – [urudur@hotmail.com](mailto:urudur@hotmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa, situada nos estudos literários, tem como objetivo discutir o conceito de real maravilhoso e analisar sua manifestação no romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior. Investigamos como o autor entrelaça elementos fantásticos à realidade social das personagens, especialmente no que toca ancestralidade, tradições e crenças afro-brasileiras. Além de identificar marcas do real maravilhoso, buscamos compreender sua relevância na construção narrativa, já que essa dimensão enriquece os sentidos da obra e conduz o leitor a uma leitura crítica, sensível e identitária.

Publicado em 2019, *Torto Arado* consolidou-se como destaque da literatura contemporânea, recebendo o Prêmio Jabuti em 2020. Narrado em estrutura polifônica, apresenta a trajetória de duas irmãs que, por meio de suas memórias, revelam a história de uma família quilombola marcada por exploração, desigualdade e violência rural na Chapada Diamantina. Essa comunidade, formada por escravizados fugitivos, preservou tradições e cultura mesmo diante da opressão, elementos fundamentais para a narrativa que dá voz a vivências silenciadas pela história.

A discussão teórica apoia-se sobretudo em Alejo Carpentier, que define o real maravilhoso latino-americano como realidade permeada pela fé, oralidade, ancestralidade e mitos africanos e indígenas, na qual o real e o imaginário coexistem sem necessidade de explicação racional. Assim, o que pareceria mágico ao olhar europeu é, para as comunidades locais, parte natural da vida. Também recorremos à teoria de Erik Schollhammer, que entende o realismo mágico como fusão de tempos (passado, presente e futuro) e como inserção de elementos mágicos no cotidiano com harmonia, destacando o espaço como estratégia narrativa central.

Dessa forma, *Torto Arado* exemplifica como o sagrado, o ancestral e o espiritual se integram naturalmente à realidade retratada, sem causar estranhamento. Estudar o místico na obra revela que ele não é recurso isolado, mas uma teia que articula cultura, identidade, resistência e a própria construção da realidade. Considerar essa dimensão é essencial para uma análise literária rigorosa, pois nela se inscrevem vozes historicamente silenciadas, afirmando a resistência cultural e a identidade afrodescendente.

## 2. METODOLOGIA

A análise interpretativa adotada examina os elementos fantásticos da obra em diálogo com o conceito de real maravilhoso de Alejo Carpentier e as proposições de Erik Schollhammer sobre a ligação entre passado e presente no realismo mágico. O objetivo é compreender como a coexistência natural entre real e místico contribui para a construção narrativa.

O estudo foi realizado em três etapas: (1) leitura inicial de *Torto Arado*, no âmbito do projeto “ficções ultra contemporâneas”, para reconhecimento geral da narrativa; (2) releitura direcionada aos aspectos sobrenaturais, míticos e ancestrais do cotidiano das personagens; (3) análise interpretativa dos trechos em que há suspensão da lógica racional, presença de saberes ancestrais e episódios sobrenaturais tratados como naturais.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Schollhammer, no real maravilhoso objetos e experiências conectam passado, presente e futuro, rompendo a linearidade temporal. Essa coexistência pode aparecer em repetições entre gerações, anacronias ou na convivência de eras, quando personagens carregam memórias ancestrais como próprias. A dimensão mística também influencia essa percepção, ao introduzir um tempo primordial dos mitos e ancestrais que se manifesta no presente, fazendo das ações ecos de eventos míticos.

À luz dessa perspectiva, o tempo em *Torto Arado* é um exemplo relevante de como a questão temporal no real maravilhoso atua. Na obra, ele se manifesta de forma não linear e cíclica, permitindo uma coexistência entre o histórico e o mítico. A ancestralidade, assim, não é apenas memória, mas uma força viva que age no presente. Essa fluidez temporal é um dos pilares do real maravilhoso na narrativa, integrando o sobrenatural de forma natural à realidade social e cultural dos personagens, sem estranhamento, e reforçando a ideia de que, para essas comunidades, passado, presente e espiritual estão sempre conectados.

Apesar da questão temporal, a atmosfera mística na obra concentra-se em grande parte nos aspectos religiosos explorados, que são percebidos de forma muito natural pelas personagens. A narrativa nos permite conhecer as práticas religiosas características do nordeste brasileiro, o Jarê, uma religião de matriz africana. Isso retoma diretamente as noções do real maravilhoso de Carpentier, que o descreve como um traço inerente à cultura latino-americana, pois segundo o autor, diferente do surrealismo europeu, a América Latina já possui intrinsecamente uma ligação com essa propriedade em sua estética e, principalmente, em sua religiosidade, elemento que confere à narrativa sua forte carga mística até o fim.

Como evidenciado na narrativa, a convivência com o invisível, com os espíritos e os saberes ancestrais, não é vista pela comunidade como algo estranho, mas como parte da rotina do povo de Água Negra. Esta é uma das formas que o realismo mágico se manifesta na obra, o mágico e o espiritual não quebram a realidade, mas se misturam a ela de forma harmoniosa, refletindo a cultura e a religiosidade da comunidade.

“[...] lo maravilloso comienza a serlo de manera inequívoca cuando surge de una alteración de la realidad (el milagro), de una revelación privilegiada de la realidad, de una iluminación inhabitual o singularmente favorecedora de las inadvertidas riquezas de la realidad, de una ampliación de las escalas y categorías de la realidad, percibidas con

particular intensidad en virtud de una exaltación del espíritu que lo conduce a un modo de ‘estado límite’”. (CARPENTIER, p. 12, 2010)

A presença do sagrado alcança seu ponto mais simbólico no capítulo final, com a narração feita por Santa Rita Pescadeira, uma entidade espiritual antiga ligada à crença dos moradores de Água Negra. Mais do que uma figura mítica, ela atua como uma observadora atenta da realidade e participa da vida da comunidade, podendo inclusive manifestar-se nos corpos daqueles que mantêm viva sua fé. Como podemos ver na passagem a seguir.

A escolha de Itamar Vieira Junior por uma narradora encantada revela como o espiritual não ocupa um lugar periférico na obra, mas se entrelaça à própria estrutura narrativa. Assim, o autor não apenas representa a fé e os saberes tradicionais, mas os legitima enquanto modos autênticos de compreender e viver o mundo. O invisível e o ancestral ganham voz própria na narrativa e moldam o curso da história de forma tão concreta quanto qualquer outro elemento social ou histórico.

Focando agora no pressuposto mencionado na introdução, sobre como determinadas obras — especialmente na literatura latino-americana — desafiam a separação ocidental entre razão e misticismo. Um dos exemplos desta separação na narrativa é na cena em que Zeca acompanha suas filhas até o hospital, pois uma está com a língua muito machucada e a outra com ela decepada (pois haviam se acidentado com a faca da avó), ele carrega em seus bolsos algumas folhas medicinais, como podemos ver na passagem a seguir:

"Meu pai ainda segurava a língua envolta na mesma camisa. As folhas estavam guardadas nos bolsos de sua calça, talvez por vergonha de o apontarem com desdém como feiticeiro dentro daquele lugar que ele não conhecia"  
(VIEIRA JUNIOR, p.18, 2019).

Como podemos observar, a vergonha de Zeca diante dos olhares externos é um sintoma doloroso dessa imposição cultural. Ela não surge de uma falha de seu próprio conhecimento, mas da percepção de que seu saber ancestral (que possui grande valor dentro de sua cultura e tradição) é facilmente desvalorizado e pode até mesmo ser ridicularizado em espaços que só reconhecem o conhecimento científico como a verdade absoluta. O que está sendo exposto é a violência simbólica de um sistema que silencia e invalida outras formas de compreender e intervir no mundo, ignorando a riqueza e a eficácia de práticas que se desenvolveram por gerações em contextos específicos. É um trecho que não apenas destaca a colisão entre diferentes formas de conhecimento, mas também a humilhação imposta àqueles cujas tradições são vistas como inferiores ou até mesmo iracionais. Evidenciando a separação, comum no pensamento ocidental, entre razão e misticismo, divisão esta que as obras real maravilhosas buscam questionar e superar.

Dante da análise, é possível afirmar que a dimensão espiritual em *Torto Arado* não é apenas recurso estético, mas uma linguagem pela qual as personagens vivem, resistem e se conectam às origens. A narrativa cruza cotidiano e encantado, passado e presente, memória e fé, convidando o leitor a reconhecer outras formas de existência e saberes. Assim, a obra amplia os limites do real ao integrar tradições afro-brasileiras como parte essencial da identidade

de um povo, reforçando o compromisso de Itamar Vieira Junior com uma literatura que preserva e devolve voz aos historicamente silenciados. Por isso, este trabalho analisou como o real maravilhoso estrutura a obra, revelando seu papel central na construção de sentidos culturais, históricos e simbólicos, ao legitimar o invisível como parte da realidade.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir da discussão teórica e da análise dos elementos místicos, buscou-se novas interpretações de *Torto Arado*, valorizando a temática e os aspectos culturais do romance. A pesquisa, vinculada ao projeto *Ficções Ultra Contemporâneas*, mostrou que os recursos místicos não aparecem de forma isolada, mas como parte crucial do simbolismo da obra, funcionando como instrumento de resistência e dando voz a um povo marcado pelo racismo e pela desigualdade. Com base nos estudos de Alejo Carpentier, destacou-se o papel da fé e das crenças como formas de integrar o sagrado ao cotidiano e de afirmar a cultura latino-americana como espaço de encontro entre realidade e misticismo.

A análise revelou que o uso de recursos culturais e religiosos na construção do místico valoriza a estética nacional, amplia o debate social — sobre o trabalho opressor no campo, a resistência afro-brasileira e a luta contra o apagamento racial — e consolida o real maravilhoso como chave de leitura. Assim, evidenciou-se a riqueza da obra de Itamar Vieira Junior e a importância de compreender a dimensão mística como pilar da resistência cultural e da identidade afrodescendente.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARPENTIER, Alejo. Prólogo a *El Reino de este mundo*. In: CARPENTIER, Alejo (Ed., Org., Comp.) ***El Reino de este mundo***. Local de Edição: Createspace, 2010. Prólogo, p. 9 – 17.
- GLOBO. Itamar Vieira Junior vence Jabuti de melhor romance. O Globo, Rio de Janeiro, 26 nov. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/itamar-vieira-junior-vence-jabuti-de-melhor-romance-24767744>.
- MOLINA, Luis. Similitud entre lo real maravilloso y el realismo mágico. Youtube, 2021.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. As imagens do realismo mágico. **Gragoatá**, Niterói, v.?, n. 16, p. 117"132, 1. sem. 2004.
- SEM AUTOR: Comunidade quilombola. Atlas socioeconômico do Rio Grande do Sul, 2024. Disponível em: <<https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/comunidades-quilombolas>>. Acesso em: 14 de agosto de 2025.
- SEM AUTOR: Quilombolas no Brasil. Comissão pró-índio de São Paulo. Disponível em: <<https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/quilombolas-brasil/>>. Acesso em: 14 de agosto de 2025.
- VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.